

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A IDENTIDADE SÓCIO-ESPACIAL GAUCHA EM SUAS VERTENTES E
ESPACIALIDADES CORRESPONDENTES

Rafael Zilio Fernandes

Boletim Gaúcho de Geografia, v. 43, n.2, Dezembro, 2016.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/59032>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - Dezembro, 2016.

Associação dos Geógrafos Brasileiros

Seção Porto Alegre, RS, Brasil.

Boletim Gaúcho de Geografia

A IDENTIDADE SÓCIO-ESPACIAL GAUCHA EM SUAS VERTENTES E ESPACIALIDADES CORRESPONDENTES¹

Rafael Zilio Fernandes
Núcleo de Pesquisas Sobre Desenvolvimento Sócio-Espacial (NUPED), PPGG e
Depto. de Geografia - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Email: rafael.zilio@yahoo.com.br

RESUMO

O presente texto apresenta uma proposta de abordagem da identidade sócio-espacial *gaucha* através de vertentes com base nas transformações político-espaciais. Constrói-se o instrumento analítico região transnacional *gaucha* enquanto espaço de referência identitária do universo valorativo *gaucho* para, após, deter-se sobre as vertentes. A vertente *gaucha* clássica se origina da miscigenação de povos originários, europeus e africanos. A literatura histórica comumente associa esta origem ao século XVIII, remetendo-se ao *gaucho* errante na pampa sem cercas nem fronteiras estatais. A espacialidade desta vertente consiste em um espaço “aberto”, anterior a latifúndios. A vertente tradicionalista tem como “mito fundador” a Revolução Farroupilha (século XIX) na parte brasileira da região transnacional *gaucha*. Trata-se de uma apropriação conservadora de elementos da identidade sócio-espacial *gaucha*, com a legitimação ou naturalização da heteronomia instituída na relação patrão-peão. A espacialidade da vertente tradicionalista se funda na pampa dividida em latifúndios e com o estancieiro/patrão submetendo os *gauchos* a um regime de trabalho subserviente (oposto às atividades dos *gauchos* “clássicos”). Já a vertente neogaucha diz respeito a uma retomada de consciência regional propiciada pelo fim dos regimes ditatoriais nos três países e a aceleração de determinados processos via MERCOSUL. A espacialidade da vertente neogaucha se dá primordialmente na passagem do lócus de construção discursiva (do rural para o urbano) e apóia-se na rede urbana capitaneada por Buenos Aires, Montevidéu, Pelotas e Porto Alegre.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade sócio-espacial *gaucha*. Região transnacional *gaucha*. Identidade regional.

1 Artigo derivado de minha tese de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação do professor Marcelo Lopes de Souza.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um caminho para a compreensão da identidade sócio-espacial *gaucha*² através da proposição de vertentes que possibilitem o debate sobre sua complexidade e suas contradições, focando nas relações entre região, identidade e política. Tomamos como ponto central da análise o agente social específico do espaço pampiano que atravessa parte da Argentina, todo o Uruguai e parte do estado do Rio Grande do Sul, e também sua contribuição para a constituição de um universo valorativo que compõe parte da identidade híbrida contemporânea - própria do período de globalização - dos habitantes dos três “subespaços”. O foco de análise das vertentes é a organização espacial, ou seja, procura-se demonstrar como as transformações no espaço influenciaram nas nuances identitárias. Primeiramente, apresenta-se a construção do instrumento analítico *região transnacional gaucha*, justificando sua elaboração para a leitura do recorte espacial. Após, serão abordadas as vertentes da identidade sócio-espacial *gaucha* com foco em suas espacialidades correspondentes: a vertente *gaucha* clássica, a vertente tradicionalista e a vertente *neogaucha*. Não se tem a pretensão de abarcar toda a complexidade que a identidade sócio-espacial *gaucha* possui, mas sim oferecer um esforço de reflexão para contribuir com o entendimento do universo valorativo *gaucho*, em particular, e com as relações entre identidade e espaço geográfico, em geral.

2. A CONSTRUÇÃO DA REGIÃO TRANSNACIONAL GAUCHA

O espaço que compreende aproximadamente Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul nem sempre foi objeto de estudo de maneira integrada. Após os processos de independência das metrópoles coloniais, e até meados da década de 1970, a historiografia (e também a Geografia) esteve comprometida com a ideologia nacionalista que, a despeito da formação econômico-social em comum, fragmentou o espaço através da sobrevalorização do aparelho de Estado e suas fronteiras estatais. Não foram poucos os autores que investiram na elaboração de uma história própria para cada um dos três subespaços, nacionalizando em demasia uma realidade de formação espacial comum. Como atestam Gutfreind e Reichel (1996, pp. 17-54), a base econômico-social do que as autoras chamam de

2 Utiliza-se aqui preferencialmente o termo *gaucho*, em espanhol, para referenciar o agente social próprio da pampa argentina, uruguaia e brasileira, já que o termo “gaúcho”, em português, designa atualmente o gentílico do estado do Rio Grande do Sul, estando estreitamente relacionado ao aparelho de Estado.

Região Platina se formou no período colonial, possui repercussões nos hábitos e na mentalidade de seus habitantes até hoje, conquanto a historiografia tenha tido um papel de individualizar nacionalmente a região. Anterior às atuais fronteiras estatais, e experimentando um intenso movimento de limites territoriais (numa época em que as fronteiras entre os domínios das coroas espanhola e portuguesa eram abertas, com pouca ou nenhuma guarda, e de trânsito fácil entre os diferentes territórios), o espaço aberto da pampa foi berço dos denominados *gauchos*, o agente social central para a presente regionalização. Com a historiografia produzida posteriormente à formação dos atuais Estados, tentou-se buscar elementos originais para cada nacionalidade, afetando em certa medida (mas não eliminando) o universo valorativo *gaucho*, como adiante será argumentado.

Antes da abordagem da região transnacional *gaucha*, é interessante citar algumas regionalizações que abarcam aproximadamente o mesmo espaço, porém com intuítos diferentes, a título de comparação.

A primeira regionalização que comumente vem à tona ao se pensar o referencial empírico é o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), resultante do interesse econômico dos Estados argentino, brasileiro, uruguaio e paraguaio. Implantado a partir de 1992, o MERCOSUL possibilitou acordos multilaterais para a maior circulação de mercadorias e pessoas e, na esteira de sua concretização, eventos promovidos pelos Estados nas zonas de fronteira contribuíram para facilitar a circulação de ideias, como encontros para se discutir a produção cultural musical e literária nos países membros e formas de troca e integração nesse sentido.

Há ideias importantes de regionalizações que remontam pelo menos ao século XIX. Uma das ideias de construção de região que embalaram a Revolução Farrroupilha em meados dos 1800 foi uma confederação entre Rio Grande do Sul, Uruguai, e as províncias argentinas de Corrientes e Entre Ríos, proposta pelo líder dos farrapos, Bento Gonçalves (SILVA, 2010, p. 72). Já no século XX e mesmo ainda no século XXI existem reverberações do sentimento separatista dos farrapos, ainda que não exatamente com a mesma regionalização de Bento Gonçalves.

Outras regionalizações contemporâneas, mas com fortes raízes na história, são aquelas realizadas a partir do rio da Prata. Região Platina (GUTFREIND e REICHEL, 1996; SCHEIDT, 2006), Espaço Platino ou Prata (PANITZ, 2010) são exemplos de que os elementos identitários dos chamados países do Prata (Argentina e Uruguai) cruzam a fronteira e chegam ao Brasil, mais especificamente ao Rio Grande do Sul, com destaque para a centralidade de importantes cidades na rede urbana regional: Buenos Aires, Montevidéu e Porto Alegre. A Região Platina, com foco no período colonial, é assim delimitada por Gutfreind e Reichel (1996, p. 13):

(...) se estende desde o rio Salado, ao sul de Buenos Aires, delimitando-se a noroeste pelas regiões que ficam ao norte do rio Negro (Uruguai), até o rio Jacuí (RS) ou até defrontarem-se com outras formas de organização social que se desenvolviam junto aos territórios jesuíticos e às áreas centrais de dominação portuguesa (...) Dois fatores naturais caracterizam fortemente a Região. O primeiro deles é a terra fértil, plana, com abundante pasto, além de açudes que favorecem a multiplicação dos rebanhos vacuns e cavalares. O outro é o rio da Prata que, ao ligar o Atlântico à zona de mineração de prata (Potosi), exerceu um papel centralizador para a Região em si, bem como foi capaz de integrá-la às outras áreas circunvizinhas.

As autoras se debruçam aproximadamente sobre o espaço de gênese da identidade sócio-espacial *gaucha*, ou seja, a Pampa ou as campanhas de Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul. Contudo, será argumentado adiante que o espaço das reduções jesuíticas contribui fundamentalmente para a constituição do agente social típico do referencial empírico.

As regionalizações demonstram que os conceitos, e mais especificamente o conceito de região, podem se apresentar como: um constructo intelectual de um pesquisador ou de um burocrata ou técnico de Estado com o intuito de melhor compreender o espaço geográfico ou nele intervir - caso do MERCOSUL; e um dado empírico, verificável na realidade, geralmente oriundo dos habitantes ou de determinados grupos da região, como se dá com a regionalização de Bento Gonçalves ou com a Região Platina, ainda que esta seja uma construção intelectual de um pesquisador para o entendimento de um fenômeno.

No âmbito dos estudos regionais, Haesbaert (2010, p. 119) propõe analisar a região considerando sua dupla filiação: o campo material das coesões funcionais, produzidas por sujeitos hegemônicos, com ação de longo alcance, como o Estado e as grandes corporações; e o campo ideal das coesões simbólicas, produzidas num jogo de tendências mais complexas, com participação dos grupos subalternos, em suas formas de articulação entre si e com os poderes instituídos. A partir do primeiro campo podemos identificar o Estado na forma dos Impérios ibéricos, no período colonial, atuando na definição de fronteiras estatais e entregando grandes extensões de terra a influentes líderes militares e amigos da Coroa, fatos fundamentais para o entendimento dos desdobramentos da identidade sócio-espacial *gaucha*. Já a partir do segundo campo, uma disputa simbólica entre elites regionais e grupos subalternizados se explicita a partir da submissão do *gaúcho* ao estancieiro, e se estende no conflito de classes patrão-peão, ainda que com variadas nuances, até os dias atuais, quando determinados grupos tentam desmitificar os

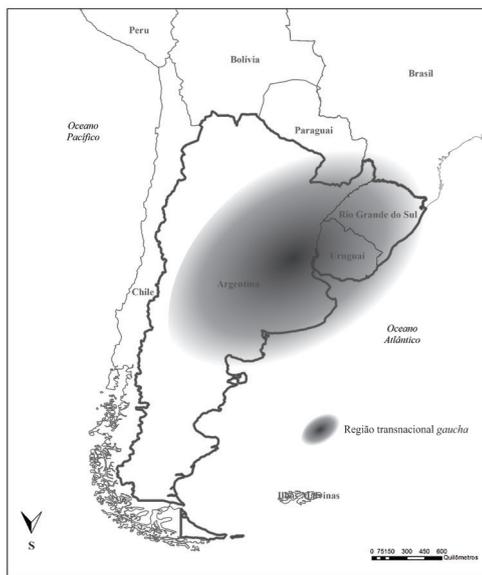
discursos tradicionalistas sobre a região e a identidade *gauchas*, principalmente no Rio Grande do Sul.

A região, assim como outros conceitos, podem ser vistos enquanto categoria da prática ou categoria de análise. Ao fazer referência à região como categoria da prática ou como fato, tem-se em mente uma evidência “real” e passível de ser objetivamente reconhecida, tratando-se de um processo vivido e construído pelos sujeitos sociais. Já a região como categoria de análise ou como artifício diz respeito a um instrumento, meio ou constructo moldado pelo intelectual ou pesquisador (HAESBAERT, 2010, p. 92-93). Pensando em se afastar de uma visão binária ou mesmo dicotômica, o autor debate a região não como um simples recorte empírico, uma “categoria do real”, nem uma simples forma de interpretação, mera “categoria de análise”, acrescentando que todo método, enquanto “mediação” ou “meio-ação”, é uma forma de interpretar e de criar - fato e interpretação não devem ser dissociados (HAESBAERT, 2010, p. 115-116). Nesse sentido, têm-se três questões fundamentais a respeito da região e de uma indissociabilidade entre as duas categorias: região como produto-produtora da diferenciação espacial; região como produto-produtora da globalização e fragmentação; região construída pela atuação de diferentes sujeitos sociais em suas lógicas zonal e reticular.

64 A presente proposta de regionalização parte desta discussão e dos pressupostos a seguir. A compreensão do espaço geográfico como indissociável do tempo histórico oferece o caminho para o entendimento de que a organização espacial é dinâmica e cada espacialidade é dialeticamente influenciada e influencia as relações sociais, mais especificamente as nuances de uma identidade espacialmente referenciada. Além disso, enxerga-se os sentimentos de pertencimento à região enquanto regionofilia. Em diálogo com Frémont (1980), Souza (2013, p. 142) traz a ideia de regionofilia associada à de topofilia: “recordando a contribuição de Tuan (...), em Frémont, a região estaria vinculada a sentimentos ‘topofílicos’ - o que equivale a dizer, desdobrando e especificando a ideia de ‘topofilia’, que a uma região, na qualidade de espaço vivido, se associaria uma ‘regionofilia’”. No presente texto o interesse pela regionofilia recai sobre a filiação de camadas populares e subalternizadas a um espaço regional, apresentando uma identidade regional alternativa ou mesmo antagônica àquela típica de manifestações de caráter regionalista. Mesmo considerando que manifestações regionalistas prescindam de regionofilia, examina-se também uma regionofilia popular não-regionalista.

O que se está chamando de região transnacional *gaucha* traz a ideia de transposição das fronteiras estatais através do termo *transnacional* e os elementos que compõem a identidade sócio-espacial *gaucha* como características principais desta regionalização, expressa no mapa da Figura 1.

Figura 1: Mapa de localização da região transnacional *gaucha*.



Fonte: Elaboração de Zílio Fernandes sobre cartografia de Isis do Mar Marques Martins.

Tal região remete apenas grosso modo a Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, uma vez que a patagônia argentina e a região colonial do Rio Grande do Sul contribuem apenas epidermicamente com o desenvolvimento da identidade *gaucha*. Exemplo disso são reflexões a respeito do próprio conceito de *fronteira* sofrendo um abalo em sua acepção estadocêntrica. A diferenciação entre fronteiras estatais e não-estatais, ou “outras fronteiras”, se insere na construção da região transnacional *gaucha*. Destaque-se que este instrumento analítico não se limita a uma simples “área de ocorrência de uma identidade”, mas sim trata-se de uma região onde se dá a mobilização de elementos do universo valorativo *gaucho* por grupos de diferentes matizes políticas. Logo, a dimensão política é privilegiada na construção dessa diferenciação espacial.

Nesse sentido, e conforme expresso na simbologia da fronteira aproximada da região transnacional *gaucha*, o espaço de referência identitária não é euclidianamente delimitável. O que se tenta fazer é estabelecer uma fronteira aproximada para a região que ao mesmo tempo demonstre seu núcleo e não se feche em si, admitindo influências e expansões, ou seja, um movimento de fronteiras regionais. Note-se que parte do Paraguai é intencionalmente inserida por ser originária dali a *ilex paraguariensis*, a erva-mate, um símbolo importante do universo valorativo *gaucho*. Além disso, a patagônia historicamente contribuiu muito pouco com a identidade sócio-espacial *gaucha*, por isso se encontra fora da fronteira aproximada. Em todo caso, é importante destacar que se trata de uma regionalização que não segue o aparelho de Estado, que não se guia por fronteiras estatais, estabelecendo, assim, outras fronteiras (que também são políticas).

3. A VERTENTE GAUCHA CLÁSSICA

Para tratar das nuances da identidade sócio-espacial *gaucha*, em cada vertente será feito uma breve contextualização histórico-espacial, seguido do destaque de personagens fictícios e/ou reais para a melhor compreensão de tais vertentes, apresentando modelos gráficos que auxiliam no entendimento da organização dos espaços de referência identitária.

As origens do agente social próprio da pampa argentina, brasileira e uruguaia nem sempre foram tratadas no conjunto da região transnacional *gaucha*. Conforme visto, a historiografia foi elaborada posteriormente à formação das fronteiras estatais e teve forte influência da ideologia nacionalista; assim, a gênese do *gaucho* apresenta diversas controvérsias. Porém, é possível destacar alguns elementos que hoje são consensuais e de interesse para o presente texto. A experiência das missões jesuíticas na atual área do noroeste do Rio Grande do Sul é um ponto de partida adequado pois traz o contato relativamente pacificado entre os religiosos espanhóis e os guaranis através da agricultura e da criação do recém chegado gado europeu. Em 1750, o Tratado de Madri concede a Portugal a posse das terras missioneiras em troca da Colônia de Sacramento para a Espanha. O acordo previa o deslocamento em massa de jesuítas e guaranis em direção oeste, margem direita do rio Uruguai. Com a recusa dos guaranis em deixar suas terras secularmente ocupadas, e contando com o apoio dos religiosos, a chamada Guerra Guaranítica foi travada contra tropas luso-castelhanas entre 1754 e 1755. Após a dissolução dos Sete Povos das Missões, o gado reduzido se espalhou em direção sul pelos campos

onde já havia, por outras origens, gado selvagem em certa abundância por terras pouco ou nada guardadas pelas coroas espanhola e portuguesa. Nesse contexto, aqueles indivíduos filhos do contato (não raro violento) entre europeus, povos originários e africanos escravizados se tornam errantes que vagam pelos campos abertos retirando sua subsistência do gado selvagem, prestando serviços sazonais e se ocupando do contrabando de gado, couro e outras mercadorias de valor na época. Esta é a gênese do agente social *gaucho* que boa parte dos historiadores adota.

Zum Felde (1920), uruguaio, aponta o *gaucho* como um tipo social originado da abundância do gado da Banda Oriental no período colonial. O historiador destaca a riqueza da pecuária somada à ausência de propriedade proporcionando ao *gaucho* uma subsistência fácil, associada à vida “livre” e sem trabalho fixo. Sala de Touron, De La Torre e Rodriguez (1967) lembram que *gaucho* era sinônimo de vagabundo, termos que no século XVIII designaram um conjunto de habitantes carentes de propriedades de terras e gado, vinculados à extração do couro, muitas vezes clandestina e que, próximo ao fim da colônia, se procurava submeter ao regime de trabalho fixo em estâncias. Os mesmos autores afirmam o *gaucho* como um tipo que não respeita a propriedade, pois acostumado ao nomadismo, a trabalhar apenas esporadicamente, e a ser estigmatizado pelas elites da época como um ladrão, um vagabundo. Gutfreind e Reichel (1996, p. 118) falam do *gaucho* como um trabalhador ocasional cavalgando pelos campos, sendo nativos não cristianizados e mestiços. Os de origem nativa, porque suas tribos haviam sido desintegradas; os mestiços, porque nascidos de relações esporádicas, despossuídos que tinham a oportunidade de trabalhar na caça ao gado. Isto demonstra que, ao mesmo tempo que era estigmatizado, o *gaucho* era valioso para a formação econômico-social colonial por suas habilidades com o manejo do gado e pelo conhecimento do espaço, o que lhe conferia trabalho garantido no sistema de vacarias³, anterior às estâncias.

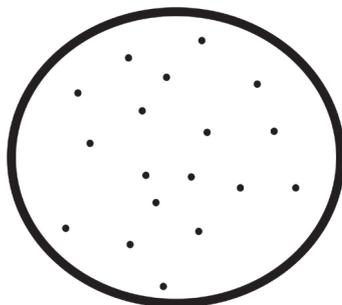
A vertente *gaucha* clássica da identidade sócio-espacial *gaucha*, pois, se origina em meados do século XVIII da miscigenação de povos originários, europeus e africanos, indivíduos errantes na pampa sem cercas nem fronteiras estatais. A espacialidade desta vertente (Figura 2) consiste em um espaço “aberto”, sendo que as

3 “O sistema de produção denominado de vacarias consistia em atividades rápidas de caça ao gado, nas quais alguns homens, montados em cavalos, formavam um semicírculo, cercando os animais, enquanto outros ocupavam-se em aprisioná-los, cortando, com uma haste, os nervos de suas patas. Depois de mortos, retiravam o sebo e o couro, alimentavam-se de parte da carne e abandonavam o restante pelos campos, onde viviam muitos animais selvagens” (GUTFREIND e REICHEL, 1996, p. 114-115).

territorialidades imperiais ibéricas não sobrepujavam ou oprimiam a territorialidade *gaucha* a ponto de esta última desaparecer, apenas operava uma estigmatização ao colocar os *gauchos* à margem das leis dos impérios. Provavelmente devido a tal marginalidade, registros sobre feitos de indivíduos ou grupos *gauchos* foram apagados da historiografia oficial. Contudo, podemos encontrar valiosas referências aos valores, costumes, hábitos etc., enfim, à identidade *gaucha*, na literatura, sendo Martín Fierro (HERNÁNDEZ, 1872 e 1879) e Capitão Rodrigo (VERÍSSIMO, 2004 [1949]) personagens-símbolo da vertente *gaucha* clássica.

Vertente *gaucha* clássica

XVIII - XIX



• *Gauchos* dispersos, “livres”

Personagens:

Capitão Rodrigo e Martín Fierro

Figura 2: esquema gráfico da vertente *gaucha* clássica da identidade sócio-espacial *gaucha*.

Fonte: Elaboração de Zílio Fernandes.

Gaúcho “livre” não significa que esse grupo social não sofria exploração, estigmatização e dominação, apenas que seu modo de vida era menos enclausurado do que uma relação assalariada fixa.

Com as guerras de fronteira e delimitação das fronteiras dos Estados brasileiro, argentino e uruguaio, associado à gradual implementação do sistema de criação de gado encerrado em estâncias, a pampa passa a apresentar cercas e limites bem definidos pelo poder heterônomo na época: os campos de topografia levemente ondulada (as coxilhas), com a linha do horizonte sempre visível, são divididos em grandes propriedades rurais concedidas a militares e outros indivíduos de significativa influência nas Coroas ou com altos cargos nestas. Essa substancial transformação no espaço pampiano leva a um embate que, ao longo da história, mostra-se fundamental para o entendimento das nuances da identidade sócio-

espacial *gaucha*. O *gaucho*, pois, possui uma espécie de “conflito original”, através da luta de classes expressa na dualidade patrão-peão: o patrão estancieiro protegido pelas coroas portuguesa e espanhola; e o *gaucho* peão, que resistiu à submissão a patrões, à divisão do espaço em latifúndios, e era tido pelas elites da época como um ladrão. Nesse contexto, na tentativa de justificar e, posteriormente, naturalizar a propriedade privada da terra, é que surge uma vertente mais conservadora, chamada aqui de *tradicionalista*.

4. A VERTENTE TRADICIONALISTA

A partir do final do século XVIII e, principalmente, ao longo do século XIX, o espaço pampiano sofre transformações que repercutem significativamente na identidade sócio-espacial *gaucha*. Para melhor assegurar a guarnição das fronteiras, cada vez mais terras em áreas de litígio eram entregues a militares e outras pessoas com influência nas coroas espanhola e portuguesa. Isto aumentou gradativamente a privatização da propriedade da terra, com estâncias ocupando grandes extensões que deram origem aos contemporâneos latifúndios. A pampa como espaço aberto passou a ser cercada e o *gaucho* foi dissuadido a mudar seu modo de vida em direção a um regime de trabalho fixo. Segundo Zum Felde (1920), o *gaucho* mudou seu comportamento quando as condições sociais no campo sofreram alterações devido ao implemento da propriedade privada. A partir disso, restaram dois caminhos: fixação como peão de estância - algo que aconteceu em parte, pois o modo de vida do *gaucho* não se modificou totalmente, constituindo uma forma de “submissão menos submissa” - ou sua transformação em *matrero*, em fora-da-lei, que, não acostumado com a propriedade privada, reagia em defesa do campo para uso comum. Tendo em vista isso, foi elaborado um aparato repressivo e coercitivo para tentar disciplinar o *gaucho* ao trabalho nas estâncias, prevendo penalidades para supostos “vagabundos” que vagavam sem o trabalho fixo (GUTFREIND e REICHEL, 1996, p. 186). Nesse período abundam os conflitos entre o *gaucho* indisciplinado e as coroas ibéricas num primeiro momento, e com forças imperiais pós-independências em momento posterior, como atestam as autoras:

Acostumados a uma vida independente e andarilha, de cavaleiros itinerantes, os gaúchos representaram uma classe rebelde, autora de crime social para os proprietários das terras e do gado. Sob o seu ponto de vista, entretanto, pretendiam apenas manter o modo de vida que acreditavam estar em harmonia com o pampa e com seus abundantes rebanhos (GUTFREIND e REICHEL, 1996, p. 184-185).

Foi nessa época que teve início o processo de apropriação conservadora/elitista da identidade sócio-espacial *gaucha*. Pode-se indicar como precursor desse fenômeno o governador de Buenos Aires entre 1835 e 1852 Juan Manuel de Rosas. Este governou a província de maneira despótica através da utilização do mesmo linguajar e dos mesmos trajes dos *gauchos* - o que lhe conferiu popularidade e assegurou o exercício ditatorial do poder. Em passagem por Buenos Aires, Darwin (1942, p. 113) comenta as atitudes de Rosas: “por esses meios, e adotando as roupas e os costumes dos gaúchos, obteve uma ilimitada popularidade na região e, em consequência, um poder despótico”. Contudo, é na parte brasileira do referencial empírico que se dá a mais consistente e duradoura apropriação conservadora da identidade *gaucha*, uma vez que na Argentina e no Uruguai, além de ser um “tipo nacional”, o *gaucho* é simplesmente o habitante popular do campo.

A primeira metade do século XIX presencia, na parte brasileira da região transnacional *gaucha*, uma guerra civil que posteriormente ficaria conhecida como Revolução Farroupilha. Em linhas gerais, tratou-se de uma revolta de parte da elite agrária da chamada Campanha Gaúcha contra os altos impostos do Império brasileiro sobre determinados produtos, sobretudo o charque, como mostra, entre tantos outros autores, Pesavento (1985). Durante aproximadamente 10 anos (1835-1845), a então província do Rio Grande do Sul, através da referida elite, tentou se separar do Império e criar um Estado independente. Contudo, apenas para os próprios “rebeldes” a província estava independente, uma vez que nem os Estados vizinhos (Argentina e Uruguai) tampouco o Estado brasileiro reconheceu oficialmente tal separação. Para Silva (2010, p. 147):

A revolução farroupilha foi um movimento conservador de uma elite disposta a ampliar sua autonomia em relação ao conservadorismo do Império. Nas questões sociais determinantes, como a escravidão, só aconteceram manobras estratégicas e utilitárias com o objetivo de atrair negros para as forças rebeldes [farroupilhas], mas sem uma real intenção dominante de pôr fim à mais ignominiosa de todas as formas de organização do trabalho.

Muitos são os indícios históricos – e os autores que abordam tal acontecimento – que demonstram o caráter conservador da Revolução Farroupilha, sendo algumas de suas principais características a manutenção constitucional do latifúndio (e da ordem sócio-espacial estabelecida), da estrutura de classes e do regime escravocrata, denotando a não-sintonia com os movimentos abolicionistas da época na maior parte da América Latina.

Findo o conflito com um acordo entre os farrapos e o Império brasileiro (para muitos historiadores uma derrota dos revoltosos da província gaúcha), algumas décadas se passaram até que um grupo formado por remanescentes da revolução e outros saudosos daquela década iniciassem a mitificação deste acontecimento, com o destaque para o caráter supostamente “progressista” da elite latifundiária e o estabelecimento de alicerces sólidos o bastante para a criação de um “mito fundador” de uma identidade gaúcha. No entanto, constata-se uma diferenciação neste episódio em relação à identidade sócio-espacial: a inserção de um imaginário elitista, proveniente do patronato, do latifundiário, no conjunto de significações da identidade *gaucha*. Tal apropriação seria posteriormente chamada de *tradicionalismo*.

No conflito de classes expresso na dualidade patrão-peão, a Revolução Farroupilha (ou melhor, o discurso sobre este acontecimento) tornou-se marco da apropriação conservadora da cultura *gaucha* na parte brasileira do referencial empírico, reflexo da atuação do patrão na utilização de determinados símbolos desta identidade. Conforme destaca Silva (2010, p. 14), a Revolução Farroupilha é “o acontecimento mais reconstruído e mitificado da história brasileira, a ponto de história e mito acharem-se atualmente quase inteiramente confundidos, com ampla vantagem para a idealização”.

Por sua vez, na Argentina e no Uruguai, o *gaucho* tornou-se a figura folclórica nacional sem sofrer transformações significativas desde sua origem, além de ter se tornado um tipo bem recebido tanto no campo quanto nas grandes cidades, como mostram Archetti (2003) e Heugerot (2007). O estigma do *gaucho* ladrão, fora-da-lei, foi minimizado ou mesmo desapareceu dos imaginários argentino e uruguaio. Isto não significa, porém, que nesses países não houve/não há apropriação conservadora desembocando no tradicionalismo, apenas que na parte brasileira este fenômeno aparece melhor documentado e mais explícito.

Ao longo do século XX, como demonstram, entre outros, Gutfreind (1992), Jacks (1999) e Silva (2010), a apropriação conservadora da identidade sócio-espacial *gaucha* no estado do Rio Grande do Sul desenvolveu-se com a expansão do tradicionalismo e do culto aos supostamente heróicos feitos dos farrapos durante a supracitada revolta do século XIX. Isto foi alimentado, entre outros fatores, pelos nacionalismos e pela tomada das fronteiras nacionais como separadoras de povos tidos como diferentes. A negação da platinidade do *gaucho* brasileiro tomou força com historiadores da primeira metade do século XX, conforme discutido em Gutfreind (1992) e Gutfreind e Reichel (1996), na tentativa de criação de um tipo gaúcho claramente diferenciado dos *gauchos* argentinos e uruguaio. No Rio Grande do Sul, essa onda tradicionalista desenvolve-se, sobretudo, com um

grupo de jovens estudantes oriundos do colégio Julio de Castilhos (Porto Alegre) que, ao terem concluído a escola básica, percorreram boa parte do interior do estado inventariando hábitos, músicas, danças, vestimentas etc. Disto, produziu-se significativo material até então muito pouco conhecido na capital estadual, conhecimento este que, chegado ao referido centro urbano, difunde-se para distantes paragens e, também, volta para o interior do estado ligeiramente transformado (LESSA, 1985).

Contudo, o conjunto de símbolos referentes à identidade sócio-espacial que chegou a Porto Alegre naquela época foi, primordialmente, aquele oriundo do processo de apropriação conservadora na esteira da transposição da identidade da Campanha para todo o estado do Rio Grande do Sul:

(...) a transposição da identidade gaúcha do espaço tradicional da Campanha para o território do Rio Grande do Sul como um todo parece ser, mais que “um curioso fenômeno de mutação histórica”, um processo de reapropriação ideológica que consegue moldar, hoje, as bases de um novo espaço regional no extremo-sul brasileiro (HAESBAERT, 1988, p. 78).

72

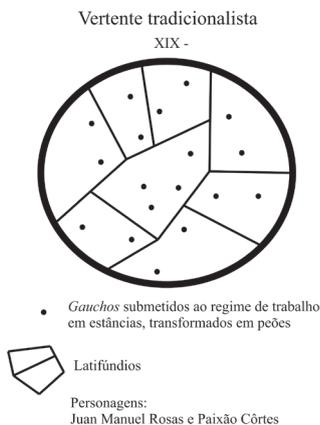
Algumas das características passíveis de destaque aqui são a naturalização da subordinação do peão ao patrão, da propriedade privada rural e da estrutura de poder típica da organização espacial latifundiária, bem como uma concepção estática/imutável de identidade e cultura. Nesse sentido, a criação dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) e a união destes em torno da organização Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) são emblemáticas, uma vez que reúnem e institucionalizam as supracitadas características. Assim, Canclini versa a respeito dos tradicionalismos da seguinte maneira:

Um dos traços distintivos da cultura tradicionalista é ‘naturalizar’ a barreira entre incluídos e excluídos. Desconhece a arbitrariedade de diferenciar esse território daquele, determinar esse repertório de saberes para ensiná-lo na escola ou essa coleção de bens para exibir em um museu, e legitima solenemente, mediante uma ritualização indiscutível, a separação entre os que têm acesso e os que não conseguem. O ritual sanciona então, no mundo simbólico, as distinções estabelecidas pela desigualdade social. Todo ato de instituir simula, através da encenação cultural, que uma organização social arbitrária é assim e não pode ser de outra maneira (CANCLINI, 2003, p. 193).

Logo, a legitimação do discurso do patrão, com a naturalização da estrutura espacial e de poder do latifúndio, pretende ser tomada como única, como a “verdadeira”, pelo MTG e pelos CTGs, em consonância com a crítica ao tradicionalismo gaúcho e à ideologia do gauchismo realizada por Golin (1983 e 2004).

A legitimação ou naturalização da heteronomia instituída na relação patrão-peão, o discurso separatista (ainda que nem sempre em direção a uma aliança com Argentina ou Uruguai), e a visão estática, imutável, de cultura (os contemporâneos devem pagar tributo de alguma maneira a supostos heróis do passado) são as principais características da vertente tradicionalista da identidade sócio-espacial *gaucha*. A espacialidade da vertente tradicionalista (Figura 3) se funda na pampa dividida em latifúndios e com o estancieiro/patrão submetendo os *gauchos* a um regime de trabalho subserviente (oposto às atividades dos *gauchos* “clássicos”). Como personagem símbolo optamos por fazer menção ao supracitado Juan Manuel de Rosas por ter sido pioneiro na apropriação elitista da identidade *gaucha*. Além disso, o outro personagem, Paixão Côrtes, figura no panteão tradicionalista como integrante do supracitado grupo de jovens de Porto Alegre e como modelo para o principal monumento do Rio Grande do Sul, a estátua do Laçador.

Figura 3: esquema gráfico da vertente tradicionalista da identidade sócio-espacial *gaucha*.



Fonte: Elaboração de Zílio Fernandes.

Cabe ressaltar ainda a importância crescente das fronteiras estatais no recorte espacial e sua relação com a região: pela primeira vez a região *gaucha* se torna transnacional, pois há fronteiras definidas com a independência dos

Estados e uma vertente da identidade que define sua regionalidade em apenas uma parcela do espaço regional, se valendo do regionalismo para seus intentos político-econômicos.

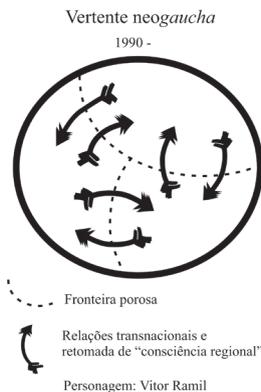
5. A VERTENTE NEOGAUCHA

A partir do final dos anos 1980, com o fim dos regimes ditatoriais na Argentina, no Brasil e no Uruguai, a fronteira enquanto entidade espacial limitante, altamente securitizada e fator de separação, passa a ser vista como símbolo de integração econômica entre os Estados em questão. A circulação de mercadorias e de pessoas ganha fôlego e as relações fronteiriças desenvolvem-se significativamente, onde as cidades de Buenos Aires, Montevideú e Porto Alegre têm papel de destaque na difusão de ideias que se transnacionalizam. A partir de meados da década de 1990 e, principalmente, de 2000, tece-se uma rede de artistas e intelectuais que se debruçam sobre as aproximações, similitudes e identidade(s) que unem Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul. Suas características são, entre outras, a reflexão sobre a região *gaucha* e a produção cultural em torno desta temática, não se atendo a apenas um resgate histórico dos elementos formadores da identidade sócio-espacial (o que caracterizaria um tratamento “museológico”), mas sim estabelecendo alicerces para uma produção cultural e de ideias *a partir* de tal resgate, conforme estudo de Panitz (2010) e também abordado por Coelho (2013). Duas das expressões cunhadas na esteira desse processo foram a *Estética do Frio*, pelo escritor e músico brasileiro Vitor Ramil (2004), e *Templadismo*, pelos músicos uruguaios Daniel Drexler e Jorge Drexler. Ambas possuem diferenças mínimas, convergindo pelo fato de serem propostas musicais geografizantes, sendo que a paisagem da pampa tem papel fundamental juntamente com a *milonga* enquanto ritmo musical colado a essa paisagem, considerando a paisagem e o clima, a diversidade étnica e cultural das populações platinas e o papel das fronteiras, tomando o espaço geográfico enquanto núcleo central das representações sociais (PANITZ, 2010, p. 106). A *Estética do Frio* e o *Templadismo* se constituem, pois, como leituras contemporâneas da identidade sócio-espacial *gaucha* a partir de grandes centros urbanos difusores de cultura e informação. Muito além da concepção estatal de integração da região através do MERCOSUL, tais artistas trabalham com uma convergência identitária do sul da América do Sul, transfronteirizando suas ideias e sua produção. Temos em curso, portanto, a construção de uma leitura revigorada da identidade sócio-espacial na região transnacional *gaucha*, densa de geograficidade e expondo o

problema da divisão do espaço em Estados. Disso, depreende-se a (re)emergência da tomada de consciência de uma regionofilia *gaucha* na contemporaneidade.

O que se está chamando de vertente *neogaucha* diz respeito, então, à retomada de consciência regional propiciada pelo fim dos regimes ditatoriais nos três países e a aceleração de determinados processos via MERCOSUL. A rede de artistas e intelectuais demonstra um esforço de (re)aproximação regional baseando-se da apropriação de elementos culturais os mais diversos para dialogar com o mundo a partir do espaço urbano. A espacialidade da vertente *neogaucha* (Figura 4), portanto, se dá primordialmente na passagem do lócus de construção discursiva: do rural para o urbano. O personagem selecionado para ilustrar tal vertente é Vitor Ramil, escritor e músico de Pelotas que foi o primeiro a colocar suas reflexões sobre o assunto no papel e também nas letras de suas canções, tendo se proposto a buscar uma Estética do Frio (RAMIL, 2004) para melhor compreender a identidade (sócio-espacial) situando-se não à margem de um “mundo” (Brasil), mas sim no centro de outro “mundo” (a região transnacional *gaucha*).

Figura 4: esquema gráfico da vertente *neogaucha* da identidade sócio-espacial *gaucha*.



Fonte: Elaboração de Zílio Fernandes.

Com essa retomada de consciência regional, as fronteiras estatais tornam-se porosas e os vetores de troca se intensificam. Essa retomada faz uso de elementos do universo valorativo *gaucho* semelhantes àqueles mobilizados pela vertente tradicionalista, porém apresentando um cunho diferente. A (re)construção da região como categoria da prática no âmbito das vertentes tradicionalista e *neogaucha* demonstra que a diferenciação espacial está longe de ser sinônimo de regionalismo ou paroquialismo, como observa Haesbaert (2010, p. 72):

A própria “região”, enquanto lócus da produção da diferença, e não simplesmente no sentido do “regionalismo reacionário”, também pode, dependendo do emaranhado de poder em que estiver enredada, estimular a constante re-produção do novo – ou seja, ela nem sempre é produzida apenas pelo “regionalismo anacrônico e reacionário” hegemônico, o que pode ser constatado ao reconhecermos a própria natureza, sempre ambivalente, de sua (re)criação simbólica.

A rede adquire fundamental importância para a compreensão da vertente *neogaucha*. A construção da região nesse contexto se dá a partir de importantes cidades da rede urbana da região transnacional *gaucha* (Buenos Aires, Montevideu, Porto Alegre e Pelotas), demonstrando que “articulações regionais do espaço podem manifestar-se não apenas na tradicional forma zonal, geralmente contínua, mas também em redes, inseridas numa lógica descontínua de articulação reticular” (HAESBAERT, 2010, p. 121). O mesmo autor lembra que é importante em qualquer estudo geográfico considerar a relação entre lógica de dominância zonal e lógica de dominância reticular na construção do espaço, sendo a rede uma constituinte indissociável da zona ou área, pois sem rede não há controle ou apropriação de uma área (HAESBAERT, 2014, p. 39). Assim, considera-se que nas vertentes *gaucha* clássica e tradicionalista há uma dominância da lógica zonal na construção do espaço regional, enquanto na vertente *neogaucha* há dominância da lógica reticular.

6. FINALIZANDO

As vertentes da identidade sócio-espacial *gaucha* poderiam ser desdobradas em tantas outras, ou mesmo alguma delas suprimida em função de outra. Este esforço de análise visou apenas contribuir para o entendimento de uma identidade sócio-espacial complexa e contraditória, mote de conflitos e de apropriações para intentos políticos os mais diversos, por grupos situados em diferentes pontos do espectro político. O instrumento analítico região transnacional *gaucha* e a noção de regionofilia foram o pano de fundo da análise, conferindo fronteiras não-estatais a uma identidade que guarda a transnacionalidade com uma de suas características fundamentais. A despeito de determinados autores ou correntes do pensamento histórico e político que rechaçam a ideia de permanência da identidade *gaucha* na contemporaneidade (assunto que mereceria um artigo próprio), haja visto a dominância do modelo civilizatório capitalista sobre um universo de valores que

seria passadista ou simplesmente conservador (como se a vertente tradicionalista contemplasse toda a identidade sócio-espacial em questão), alguns elementos do universo valorativo *gaucho* podem (e devem) ser (re)apropriados popularmente e por lutadores(as) sociais progressistas. É importante não esquecer dos componentes de liberdade e insubordinação ao capitalismo que a identidade *gaucha* guarda há muito. O *gaucho*, seja como agente social ou como habitante do imaginário social, traz significações imaginárias (nas palavras de Castoriadis) de resistência à expansão geográfica e subjetiva do capitalismo. A visão aqui defendida é de uma reapropriação crítica de elementos do universo valorativo *gaucho* por homens e mulheres com vistas à dimensão político-cultural das lutas anticapitalistas, tema a ser desdobrado em trabalhos futuros. Assim posto, na relação entre região, identidade e política, uma “regionofilia *gaucha*” pode ser um frutífero caminho de retomada e (re)apropriação política da identidade sócio-espacial.

THE GAUCHA SOCIO-SPATIAL IDENTITY IN THEIR FACETS AND SPATIALITIES

ABSTRACT

This article presents a proposal of approach for the *gaucha* socio-spatial identity through facets based on politico-spatial transformations. I build the analytical instrument *gaucha* transnational region as space of identity reference for the gaucho evaluative universe for, after, present the facets. The classic *gaucha* facet has its origins in the miscegenation of native people, Europeans and Africans. Historical literature commonly associates this origin to the eighteenth century, referring to the wandering *gaucho* in the *pampa* without fences or state borders. This facet’s spatiality is an “open” space, prior to huge land properties. The traditionalist facet has the Farroupilha Revolution (nineteenth century) as its “founding myth” at the Brazilian part of the *gaucha* transnational region. It is a conservative appropriation of elements from the *gaucha* socio-spatial identity, with the legitimation or naturalization of the instituted heteronomy in the relationship employer-pawn. Their spatiality is the *pampa* divided in huge land properties with the employer submitting the gauchos to a subservient work regime (in opposition to the classic *gauchos’* activities). Finally, the *neogaucha* facet is a resumption of regional consciousness provided by the end of dictatorial regimes in the three countries and the acceleration of certain process via MERCOSUR. The *neogaucha* facet’s spatiality is the changing of the locus of discursive construction (rural to urban) and rests on the urban network headed by Buenos Aires, Montevideo, Pelotas and Porto Alegre.

KEYWORDS: *Gaucha* socio-spatial identity. *Gaucha* transnational region. Regional identity.

LA IDENTIDAD SOCIO-ESPACIAL GAUCHA EN SU VERTIENTES Y ESPACIALIDADES CORRESPONDIENTES

RESUMEN

El texto presenta una propuesta de enfoque de la identidad socio-espacial gaucha a través de vertientes con base en transformaciones político-espaciales. Se construye el instrumento analítico región transnacional gaucha como espacio de referencia identitaria del universo valorativo gaucha para, después, detenerse en las vertientes. La vertiente gaucha clásica originase de la mistura de pueblos originarios, europeos y africanos. La literatura comúnmente asocia esta origen al siglo XVIII y al gaucho errante en la pampa sin cercas ni fronteras estatales. La espacialidad de esta vertiente es un espacio “abierto”, previo a los latifundios. La vertiente tradicionalista tiene como “mito fundador” la Revolução Farroupilha (siglo XIX) en la parte brasileña de la región transnacional gaucha. Es una apropiación conservadora de elementos de la identidad socio-espacial gaucha, con la legitimación o naturalización de la heteronomía instituida en la relación patrón-peón. La espacialidad de la vertiente tradicionalista es la pampa dividida en latifundios con el estanciero sometiendo los gauchos a un régimen laboral subordinado (opuesto a las actividades de los gauchos “clásicos”). La vertiente neogaucha, por su turno, es una retomada de conciencia regional propiciada por el fin de los regímenes dictatoriales en los tres países y la aceleración de procesos vía MERCOSUR. La espacialidad de la vertiente neogaucha es primordialmente la pasaje del *locus* de construcción discursiva (rural a urbano) y estructurarse en la red urbana de Buenos Aires, Montevideo, Pelotas y Porto Alegre.

PALABRAS-CLAVE: Identidad socio-espacial gaucha. Región transnacional gaucha. Identidad regional.

REFERÊNCIAS

- ARCHETTI, Eduardo. O “gaucho”, o tango, primitivismo e poder na formação da identidade nacional argentina. In: **Mana**. n.º 1. Vol. 9. Rio de Janeiro: PPGAS-Museu Nacional UFRJ, 2003. P. 9-29.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003 (1989). 4ª ed.
- COELHO, Luciano. **A linha fria do horizonte**. Vídeo - Documentário. 2013.
- DARWIN, Charles. **Viaje de un naturalista alrededor del mundo**. Buenos Aires: El Ateneo, 1942.
- FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980 (1976).
- GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1983.

- _____. **Identidades:** questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Passo Fundo: Clio e Méritos, 2004.
- GUTFREIND, Ieda. **A historiografia rio-grandense.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloisa Jochims. **As raízes históricas do Mercosul:** a Região Platina colonial. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1996.
- HAESBAERT, Rogério. **RS:** Latifúndio e identidade regional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- _____. **Regional-global:** dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. **Viver no limite:** território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- HERNÁNDEZ, José. **El gaucho Martín Fierro.** Buenos Aires: Imprenta de La Pampa, 1872.
- _____. **La vuelta de Martín Fierro.** Buenos Aires: Librería del Plata, 1879.
- HEUGEROT, Cristina. Uruguay: identidad y nación en construcción. In: **Estudios Ibero-Americanos.** n.º 2. Porto Alegre: PUCRS, 2007. P. 76-89.
- JACKS, Nilda. **Querência:** cultura regional como mediação simbólica. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- LESSA, Luis Carlos Barbosa. **Nativismo:** um fenômeno social gaúcho. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- PANITZ, Lucas Manassi. **Por uma Geografia da música:** o espaço geográfico da música popular platina. Dissertação de mestrado em Geografia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Farroupilha.** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMIL, Vitor. **A estética do frio.** Conferência de Genebra. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- SALA DE TOURON, Lucia; DE LA TORRE, Nelson; RODRIGUEZ, Julio. **Estructura economico-social de la colonia.** Montevideu: Pueblos Unidos, 1967.
- SCHEIDT, Eduardo. Debates historiográficos acerca de representações de nação na Região Platina. In: **Revista eletrônica da Anphlac.** n.º 5. 2006. P. 1-26.
- SILVA, Juremir Machado da. **História regional da infâmia.** A história dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários). Porto Alegre: L&PM, 2010.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento - O continente**. vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 (1949). 3ª ed.

ZUM FELDE, Alberto. **Proceso historico del Uruguay**. Montevidéo: Arca, 1920.

Data de recebimento: 01/10/2015

Data de aceite: 16/12/2015